Dia 5 — A Vigília da Epifania

Celebra hoje a Igreja o ofício e faz como que a festa da Epifania, para dispor os fiéis de modo particular à celebração deste grande mistério e para lhes dar, com esta festividade preparatória, uma ideia mais alta da solenidade de amanhã.

O que singularmente tornou mais célebre na Igreja esta vigília foi o batismo dos catecúmenos, cuja cerimônia se fazia nesta noite no Oriente com maior pompa e com mais solene aparato do que se executava no Ocidente na vigília da Páscoa e de Pentecostes. Acendia-se nesta noite grande número de lâmpadas, velas e tochas; o povo passava-a toda na igreja, dedicado a exercícios de leitura e de oração.

Tendo-se mudado o costume das vigílias noturnas, transferiu-se esta festa para o dia anterior, com o ofício e com parte das cerimônias. Dispensou-se o jejum, que sempre serviu de preparação para as maiores solenidades, em atenção a que este dia estava compreendido entre o Natal e os Reis, tempo que se considerava como uma festa contínua: *Inter natale Domini et Epiphaniam omni die festivitates sunt*, diz o concílio de Tours; porque o jejum deve sempre ser acompanhado de luto e de tristeza, e a festa pede gala e alegria.

Não contribuía pouco para essa mesma solenidade a bênção das águas chamadas salutares, que se fazia em noite como esta para batizar os catecúmenos. É que a Igreja, seguindo uma tradição antiquíssima, sempre fez memória do batismo de Jesus Cristo no mesmo dia da Epifania.

São João Crisóstomo diz num sermão que os fiéis de seu tempo, mesmo os que já estavam batizados, tinham a devoção de lavar-se com essas águas, como santificadas pela bênção da Igreja, e de levá-las para suas casas. À meia-noite desta solene festa, diz esse Padre, todos os fiéis, depois de se lavarem com as águas salutares, que pela bênção da Igreja estão como revestidas da virtude daquelas que o Salvador do mundo consagrou com o batismo, levam-nas para suas casas e as guardam dois e três anos, conservando-se tão claras e tão puras como se acabassem de sair da fonte: *Biennio et triennio sæpe, quæ hodie fuit hausta, incorrupta et recens permanet, ac post tantum temporis cum iis quæ fuerunt a fontibus eductæ, certant.*

Embora os orientais tenham incorrido depois numa infinidade de erros e quase todos estejam divididos pelo cisma e pela heresia, observa-se que quase todos conservaram essa cerimônia. Cada território abençoa o rio que o banha com longas orações e preces; e depois concorre um imenso povo, de todas as condições e estados, a meter-se nele, como para renovar seu batismo em memória do de Jesus Cristo. Essa cerimônia foi observada também por algum tempo nas igrejas da África, como o prova o milagre que fez Santo Eugênio, bispo de Cartago, curando um cego na vigília da Epifania, durante a bênção das águas batismais, na presença de todo o povo que assistia aos solenes ofícios da noite.

A Igreja latina não seguiu o mesmo costume, tendo por mais conveniente praticar a cerimônia de abençoar as águas batismais na vigília da Páscoa e de Pentecostes; mas, apesar disso, celebrou sempre a vigília da Epifania com tanta solenidade que até nas vésperas do dia anterior faz memória dela, como de festa muito particular.

Embora por justos motivos a Igreja tenha suprimido o costume de passar em oração as noites das vigílias, assim chamadas porque nelas se velava e não se dormia, preparando-se os fiéis dessa maneira para celebrar a festa do dia seguinte, nem por isso os dispensou dessa preparação. Com esse espírito quer que se jejue na maior parte das vigílias; e, embora na de hoje dispense o jejum pela razão que insinuamos, não é seu ânimo dispensar as outras boas obras que devem acompanhá-lo; antes deseja que essa mortificação se supra com o exercício de uma devoção mais fervorosa.

É erro pensar que as festas não são mais que dias de descanso, e é erro maior imaginá-las como dias que se devem dedicar a profanas diversões. Cessa-se nelas, é verdade, de toda obra servil; mas é unicamente para que nos entreguemos com maior desembaraço às sagradas, as que se dirigem imediatamente ao maior bem de nossas almas. Os dias de festa são dias de alegria, não o nego; mas de uma alegria toda espiritual e toda santa.

Também é certo que nos primitivos tempos da Igreja se costumavam muitos festins e banquetes nos dias de festa. Mas que banquetes e que festins? Aqueles, diz Tertuliano, em que reinava a frugalidade, servia-se a temperança e fazia-se ostentação da piedade; festins que a caridade instituía e a religião animava, para contrapô-los aos escandalosos excessos dos pagãos. Seu maior aparato era a modéstia; chamavam-se *ágapes* (caridades), porque toda a despesa que se fazia era principalmente em obséquio dos pobres. *Vocatur Agape, id quod penes Græcos dilectio est, quantumcumque sumptibus constet, lucrum est, pietatis nomine facere sumptum; siquidem inopes quoque refrigerio isto juvamus.* As despesas que se fazem em obséquio da caridade não são despesas, são lucros; empregam-se não tanto no regalo dos ricos quanto no refrigério dos pobres. Assim se explica Tertuliano. E pergunto: poderia explicar-se assim se falasse dos festins e banquetes que nos dias de festa se costumam fazer em nossos tempos?

Vê-se todos os dias que tudo o que é conforme à inclinação de nossos sentidos, por santo que seja em sua primitiva instituição, logo degenera em repreensíveis excessos. Aqueles banquetes da caridade e da religião degeneraram já em banquetes da vaidade e, não poucas vezes, da desordem. Fazem-se grandes despesas para contentar a gula dos ricos, não para satisfazer a necessidade dos pobres. E quantas vezes, à custa do suor e até do crédito dos pobres, banqueteiam tiranicamente os ricos? Entre os fiéis não devia haver banquete em que os pobres não fossem os primeiros convidados.

É provável que o costume de eleger rei neste dia seja muito antigo e também muito louvável em seu princípio. Talvez se tenha introduzido para que em cada casa, em cada família, houvesse um que, com o nome de rei, à imitação dos Magos, se esmerasse em adorar e reverenciar amanhã a Jesus Cristo. Torna verossímil essa conjetura o não se descobrir rastro de superstição nesse costume e o constar que sempre o praticaram as famílias mais piedosas e ordenadas. Mas o tempo tudo vicia, sendo certo que os costumes mais honestos e mais santos degeneram em repreensíveis

excessos, passando a ser usos ilícitos e licenciosos pela depravada corrupção do coração humano.

São Telésforo, Papa e Mártir

São Telésforo, grego de nascimento, sucedeu ao papa Sisto I e foi o oitavo pontífice romano depois de São Pedro. Tinha a Igreja necessidade de um pastor magnânimo, brioso e douto, em tempo em que o furor dos pagãos a perseguia de morte e a perversidade dos hereges não poupava meio algum para corromper o sagrado depósito da fé e a santidade dos costumes. Todo esse auxílio alcançou em Telésforo, que, elevado àquela primeira cátedra, portou-se como verdadeiro sucessor do Príncipe dos Apóstolos. Não faltaram em seu tempo ocasiões para demonstrá-lo. Os discípulos de Basílides de Antioquia, homem de engenho agudo e perverso, sócio de Saturnino e discípulo de Menandro, penetraram até Roma, com o fim de semear nela o veneno de sua ímpia doutrina contra o Redentor do mundo; Cerdão, outro heresiarca maligno, que por princípios de sua seita estabelecia dois deuses, um bom e outro mau, desprezava o Antigo Testamento, os profetas e a revelação e negava que Jesus Cristo tivesse nascido da Santa Virgem Maria, tido verdadeira carne, padecido e morrido na realidade, e com os sofismas de que se valia tinha enganado não poucos homens simples: este e outros monstros do inferno, que se reuniram na capital do orbe cristão, perseguiam a Igreja com mais dano que os próprios pagãos; de forma que a puseram em extremo perigo, se aquele Senhor que afiançou em suas promessas a sua eterna estabilidade contra o poder do abismo não tivesse providenciado um pastor tão zeloso, eficaz e invencível como Telésforo, que, opondo-se a semelhantes feras, não omitiu meio algum que pudesse contribuir para sepultar a perversidade de tão detestáveis doutrinas.

Deus lançou suas bênçãos sobre os zelosos trabalhos deste insigne pontífice, por cujas vigílias se viu livre o rebanho de Jesus Cristo das enfermidades contagiosas das heresias, com sucesso tão feliz que em seu tempo se viu em Roma, centro da unidade e da fé, florescer esta, o fervor dos fiéis e a santidade de seus costumes.

Não satisfeito seu zelo com tão penosa fadiga, desejoso de dilatar o reino de Jesus Cristo, enviou muitos operários apostólicos a diferentes partes do mundo para pregarem o santo Evangelho e, com a luz de sua celestial doutrina, iluminarem os miseráveis infiéis submersos nas trevas da idolatria. Mesmo em tempos tão turbulentos como foram os de seu pontificado, encontrou lugar sua solicitude para estabelecer vários regulamentos utilíssimos sobre disciplina eclesiástica. Foi memorável entre eles a disposição de que os bispos e sacerdotes de Deus não fossem acusados por nenhum dos seculares, nem manchados com qualquer espécie de calúnias; de que não se julgasse o próximo com temeridade, especificando a classe de acusadores que se deviam admitir nos juízos e mostrando com muitos testemunhos da santa Escritura a malícia dos que fossem tais contra os servos de Deus.

Igualmente estabeleceu a abstinência de carnes e delícias por sete semanas antes da Páscoa da Ressurreição; de modo que, embora o jejum quaresmal tenha sido instituído pelos apóstolos e observado por tradição, segundo os diversos costumes das igrejas, Telésforo o ordenou, no tempo dito, por constituição perpétua. Também dispôs que na noite do Natal de Nosso Salvador se

celebrassem três missas: uma à meia-noite, em que nasceu Jesus Cristo; outra ao romper da aurora, quando foi adorado pelos pastores; e outra na hora de terça, em sinal da luz que brilhou sobre nós pelo nascimento do Messias; com a prevenção de que nessas e em outras missas solenes se rezasse ou cantasse o hino *Gloria in excelsis Deo* e de que no santo sacrifício se dissesse o Evangelho antes do cânon. Quatro vezes fez ordenações no mês de dezembro, nas quais criou dezenove presbíteros, dezoito diáconos e treze bispos para diversas igrejas.

Depois de onze anos, nove meses e três dias em que governou a Igreja como zelosíssimo pastor, terminou sua carreira com a glória do martírio no tempo do imperador Antonino Pio [^1], no dia 5 de janeiro.

Martirológio Romano

A Vigília da Epifania de Nosso Senhor.

Em Roma, São Telésforo, papa, que chegou à glória do martírio sob Antonino Pio, depois de ter sofrido muito em defesa do nome de Jesus Cristo.

No Egito, a comemoração de muitos santos mártires que foram mortos na Tebaida com diversos gêneros de torturas, durante a perseguição de Diocleciano.

Em Antioquia, São Simeão, solitário, que esteve muitos anos de pé sobre uma coluna, o que lhe deu o nome de Estilita; toda a sua vida não foi mais que um longo tecido de maravilhas.

Na Inglaterra, Santo Eduardo, rei, ilustre por sua castidade e pelo dom de milagres. Um decreto do papa Inocêncio XI fixou sua festa em 13 de outubro, dia da trasladação de seu corpo.

Em Alexandria, Santa Sinclética, cujas belas ações foram descritas por Santo Atanásio.

Em Roma, Santa Emiliana, virgem, tia do papa São Gregório, a qual, tendo sido chamada por sua irmã Társila, morta pouco tempo antes, passou neste dia da terra ao céu.

No mesmo dia, Santa Apolinária, virgem.

Missa (oração)

A missa de hoje é da vigília da Epifania, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Omnipotens sempiterne Deus, dirige actus nostros in beneplacito tuo: ut in nomine dilecti Filii tui mereamur bonis operibus abundare. Qui tecum vivit et regnat...*

Português: Deus todo-poderoso e eterno, dirigi todas as nossas ações segundo a regra de vossa divina vontade, para que, em nome e pelos merecimentos de vosso amado Filho Jesus Cristo, possamos produzir em abundância frutos salutares de boas obras. Pelo mesmo Senhor nosso Jesus Cristo, que convosco vive e reina.

Epístola

A epístola é do capítulo 4 de São Paulo aos Gálatas.

Gálatas 4,1-7

> **Latim:** 1 Dico autem : quanto tempore hæres parvulus est, nihil differt a servo, cum sit dominus omnium : 2 sed sub tutoribus et actoribus est usque ad præfinitum tempus a patre : 3 ita et nos cum essemus parvuli, sub elementis mundi eramus servientes. 4 At ubi venit plenitudo temporis, misit Deus Filium suum factum ex muliere, factum sub lege, 5 ut eos, qui sub lege erant, redimeret, ut adoptionem filiorum reciperemus. 6 Quoniam autem estis filii, misit Deus Spiritum Filii sui in corda vestra, clamantem : Abba, Pater. 7 Itaque jam non est servus, sed filius : quod si filius, et hæres per Deum.

Português: 1 DIGO pois: Que quanto tempo o herdeiro he menino, em nada differe do servo, ainda que seja senhor de tudo: 2 mas está debaixo dos tutores, e curadores, até o tempo determinado por seu pai: 3 assim tambem nós, quando eramos meninos, serviamos debaixo dos rudimentos do mundo. 4 Mas quando veio o cumprimento do tempo, enviou Deos a seu Filho, feito de mulher, feito sujeito á lei, 5 a fim de remir aquelles, que estavão debaixo da lei, para que recebessemos a adopção de filhos. 6 E porque vós sois filhos, mandou Deos aos vossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: Pai, Pai. 7 E assim já não he servo, mas filho. E se he filho: tambem he herdeiro por Deos.

Nota

« Os gálatas, a quem escrevia São Paulo, eram de um povo da Ásia Menor. Este santo Apóstolo os havia convertido; mas depois vieram outros falsos doutores, que pretenderam enganá-los,

persuadindo-os de que deviam sujeitar-se à lei da circuncisão e às outras cerimônias que ordenava a lei de Moisés. Para que não caíssem nesse erro, escreveu-lhes São Paulo, de Éfeso, a carta de onde se tirou esta epístola, e a escreveu no ano 56 de Jesus Cristo. »

Reflexões

Quão pouco conhecemos as grandes vantagens de que gozamos na lei da graça! Os judeus receberam as promessas, nós colhemos os frutos. Grande lástima será se não estimarmos o preço! Como filhos adotivos de Deus, como co-herdeiros de Jesus Cristo, somos herdeiros do próprio Deus: compreende-se essa grande ventura, quando se sente tão pouco o perder tão rica herança? Somos filhos de Deus; e fazemos questão, fazemos vaidade de portar-nos como tais? Amamos a Deus, honramos a Deus como se fosse nosso Pai?

Estamos já livres das duras observâncias da lei antiga; está em nossa mão desfrutar as doçuras da nova. Nela derrama seus dons o Espírito Santo; nela se deixam sentir as bênçãos do céu; nela tudo são auxílios, tudo são graças. Consideremos que ventura a de ser filhos de Deus, amados por seu Espírito, poder recorrer a ele a todas as horas e, em todas as nossas necessidades, poder chamá-lo Pai a plenos pulmões. Oh, que grande motivo para alentar a confiança!

Por irritado que esteja como Senhor, como Deus e como juiz, é sempre afinal nosso Pai; e nossos costumes, nossas máximas e nossa conduta nos acreditam como filhos seus?

A augusta qualidade de filhos de Deus prevalece sobre todas as demais; afunda-as todas, absorve-as todas. Ser de família ilustre, enobrecida por heroicas façanhas, por elevados empregos, pelo mérito dos antepassados; ocupar um posto muito distinto na monarquia; ser favorecido por um grande príncipe; ser oficial do exército; ser ministro dos primeiros tribunais; possuir grandes bens; sobressair no engenho, no saber, na eloquência; estar cheio de títulos pomposos, de magníficos ditames: todos esses são nomes grandes, mas grandes vaidades; nomes vazios, que nada significam na hora da morte. Que consolo, que confiança, que prerrogativa dão a um moribundo naquela última hora? Que estima acrescentam às cinzas na sepultura? A qualidade de filhos de Deus é a única que se respeita até na outra vida; este é o único título que nos dá direito à felicidade eterna, àquela glória que nada obscurece e que a própria morte não pode apagar. Esta é aquela nobreza que jamais se deslustra; esta é aquela qualidade, aquela excelência em que os próprios anjos fundam o seu mérito. O nascimento humilde, a condição obscura, o ofício vil, a falta de talentos, de recursos, de prosperidades, de bens de fortuna: tudo isso aflige aos que o mundo despreza; mas que agravo fazem a si mesmos ao queixar-se de sua sorte! Não de outra maneira que se um príncipe herdeiro presuntivo da coroa se afligisse por não ser ministro de um conselho ou governador de uma praça. Esses pobrezinhos têm a eminente qualidade de ser filhos adotivos de Deus: pouco conhecem a verdadeira grandeza, pouca ideia têm da nobreza verdadeira os que não fazem mais estima dessa eminente qualidade do que de todas as vaidades humanas. Amados meus, dizia o evangelista São João, agora somos filhos de Deus; e o que depois seremos, agora não se vê. Vede que grande amor nos mostrou o Pai celestial, pois temos o nome de filhos de Deus e

verdadeiramente o somos. *Ut filii Dei nominemur, et simus.* 1 Jo 3.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 2 de São Mateus.

Mateus 2,19-23

> **Latim:** 19 Defuncto autem Herode, ecce angelus Domini apparuit in somnis Joseph in Ægypto, 20 dicens : Surge, et accipe puerum, et matrem ejus, et vade in terram Israël : defuncti sunt enim qui quærebant animam pueri. 21 Qui consurgens, accepit puerum, et matrem ejus, et venit in terram Israël. 22 Audiens autem quod Archelaus regnaret in Judæa pro Herode patre suo, timuit illo ire : et admonitus in somnis, secessit in partes Galilææ. 23 Et veniens habitavit in civitate quæ vocatur Nazareth : ut adimpleretur quod dictum est per prophetas : Quoniam Nazaræus vocabitur.

Português: 19 E sendo morto Herodes, eis-que o anjo do Senhor appareceu em sonhos a José no Egypto, 20 dizendo: Levanta-te, e toma o menino, e sua mãe, e vai para a terra d'Israel: porque são mortos os que buscavão o ménino para o matar. 21 José levantando-se, tomou o menino, e sua mãe, e veio para a terra d'Israel. 22 Mas ouvindo que Arquelão reinava na Judéa em lugar de seu pai Herodes, temeo ir para lá: e avisado em sonhos, se retirou para as partes da Galiléa. 23 E veio morar em huma cidade, que se chama Nazareth: para se cumprir o que fora dito pelos profetas: Que será chamado Nazareno.

Meditação

Do modo de dispor-se para celebrar as grandes festas

Primeiro ponto

Considera os cuidados que se empregam, os gastos que se fazem e o tempo que se gasta nos preparativos para uma festa profana; o coração, o engenho, a bolsa, tudo se põe em movimento, tudo se ocupa, tudo se consome. Chega o dia da festa: que atenção a que tudo esteja preparado, que ânsia de brilhar, que empenho em sobressair, que medo de não agradar, de não ficar com brilho! Meu Deus, há as mesmas ânsias, empregam-se os mesmos cuidados, fazem-se os mesmos preparativos para dispor-se à celebração de nossos maiores mistérios? Que disposição para

celebrar uma festa de religião!

Não nos pede Deus tanto. Um coração puro, uma fé viva, uma devoção terna: essas são as únicas e verdadeiras disposições. Um culto que se contenta com meras exterioridades é mais afetação que verdadeiro ato de religião. Quer Deus ser adorado em espírito e em verdade; este é o fim principal a que se dirige a celebridade de nossas festas. Porque, com que fim renovar todos os anos os mistérios de nossa religião, trazer-nos tão frequentemente à memória os benefícios que devemos ao Salvador, senão para avivar nossa fé e excitar nosso reconhecimento? Com que fim esse cessar de todas as obras servis, senão para ocuparmo-nos inteiramente nas divinas? Nossas festas são solenidades de religião; será bom torná-las puramente mundanas e profanas? Quer Deus ser honrado nelas com sacrifícios que nasçam do coração, com públicos preitos; e se contentará com essas aparições, à maneira de relâmpago, com essas entradas e saídas na igreja em que tem mais parte o costume e o ir aonde vão todos do que a devoção e a piedade?

Celebra-se amanhã a memória da adoração dos Magos. Todos devemos também adorar a Jesus Cristo. Apresentar-nos-emos em sua presença com o coração manchado e as mãos vazias? Que indecência aparecer diante de Jesus Cristo sem o adorno de sua libré! Que indignidade pôr-nos à sua vista em dia tão grande sem a devida preparação!

Meu Deus, quão pouco conceito tenho formado até agora da santidade e da majestade de minha religião, pois apliquei tão pouco, tão nenhum cuidado a santificar as maiores festas dela! Seja prova de meu arrependimento a sincera confissão que faço de meu descuido; estou resolvido a emendar desde este dia uma desordem tão digna de se corrigir.

Segundo ponto

Considera que deve escandalizar-nos, mas não deve admirar-nos, que os dias mais solenes do ano sejam os menos santificados e também os mais vazios: porque qual é a nossa preparação para celebrar as maiores solenidades?

As vigílias, que só foram instituídas para purificar, por meio da penitência, da oração e do recolhimento, um coração que deve ser apresentado ao Senhor, converteram-se em dias de distração e de tumulto. Os negócios, o mundo, a vaidade ocupam todo o tempo. Costuma-se outra disposição para as festas? Como o demônio é tão sagaz, antecipa-se a fazer-se dono das primícias, sabendo bem que o fruto que se podia tirar nesses dias solenes depende em grande parte das vigílias.

Cristo não voltou à Judeia até que morreu o tirano Herodes. Enquanto as paixões reinarem no coração humano, não há que esperar que Deus se aposente nele. Se queremos voltar a encontrar nosso Salvador nesses dias de bênção, trabalhemos desde a véspera em fazer morrer dentro de nós todos esses inimigos de nossa salvação. Bastou que o filho de Herodes reinasse na Judeia para obrigar o Salvador a não se deter nela. Reinará o Senhor de assento numa alma e a encherá de bênçãos e de doçuras em abundância, particularmente nesses grandes dias, desde que estejam desterrados dela todos os seus inimigos.

Deseja-se saborear a Deus nesses dias solenes? Pois empreguem-se santamente as vigílias. Se esses são dias de penitência e de recolhimento, os dias seguintes serão dias de festa para a alma. Por isso antigamente se passavam na igreja todas as noites que precediam as festividades mais solenes. Já que agora não façamos tanto, dediquemos pelo menos algumas horas do dia anterior à oração e ao recolhimento. Somos, porventura, menos cristãos que nossos pais e nossos avós? Pois por que seríamos menos zelosos e menos devotos?

Meu Deus, uma e outra coisa espero de vossa misericórdia; e, pois me fizestes a graça de dar-me a conhecer e detestar o erro em que vivi até aqui, descuidado de uma preparação tão necessária, dispondei que ao cuidado que desde hoje em diante hei de aplicar para celebrar com devoção as festas da Igreja corresponda o solenizá-las segundo o espírito de vossa divina intenção, conseguindo dessa maneira que esses grandes dias sejam para mim dias de bênção e de salvação.

Jaculatórias

> *Hodie scietis quia veniet Dominus, et mane videbitis gloriam ejus.* Ex 16.

Hoje sabereis que o Senhor virá, e amanhã vos manifestará a sua glória.

> *Præparate corda vestra Domino, et servite ei soli: Cras solemnitas Domini est.* 1 Rs 7; Ex 32.

Disponde vossos corações para servir ao Senhor, e servi-o somente a ele, porque amanhã é o dia de sua solenidade.

Propósitos

1. Além do recolhimento interior e do espírito de retiro que deves procurar observar neste dia, dispõe teus negócios de modo que te possa ficar livre uma parte da tarde para preparar-te para tão grande solenidade. Se for possível, será muito conveniente confessar-se desde a véspera, porque nenhuma preparação é mais eficaz nem contribui tanto para o recolhimento. Pelo menos, quando isso não for possível, deve-se hoje dispor a confissão para amanhã. Assiste às vésperas solenes desta tarde e passa uma boa parte dela na igreja, empregando-a em oração e em exercícios de piedade, já que não é costume passar a noite como antigamente.

2. Recolhe-te em casa a boa hora, para dar um pouco mais de tempo à leitura espiritual. Depois da ceia, reúne os filhos e a família; faze que se leia a história do mistério de amanhã; explica-lhes a

devoção com que devem celebrá-lo e exorta-os a confessar-se e comungar e a assistir com devoção à missa solene e aos divinos ofícios. Quantas bênçãos abundantes derramaria o Senhor em todas as famílias, se os chefes e pais delas se aplicassem com mais desvelo ao cuidado da salvação dos que Deus confiou à sua direção e governo! Por meio desses exercícios e pela fidelidade em cumprir exatamente semelhantes devoções, chegam as almas à santidade, como a cada um o ensinará bem depressa a sua experiência.

[^1]: Talvez pareça extraordinário que São Telésforo tenha sido martirizado sob Antonino Pio, pois, segundo atesta Tertuliano (*Apologético*, cap. 5), a Igreja gozou de paz em seu reinado; e Eusébio acrescenta, em sua *História* (livro IV, cap. 12), que esse imperador mandou publicar um edito em favor da religião cristã; mas esse mesmo autor diz também que o começo de seu reinado não foi favorável aos cristãos e que foram mortos muitos, entre os quais São Telésforo, no ano 150, em que faz menção deste insigne pontífice o Martirológio Romano, cujo zelo, santidade e sabedoria elogiam Santo Irineu, Tertuliano, Epifânio e Santo Agostinho, entre muitos outros escritores antigos. Seu corpo foi sepultado no Vaticano, junto ao de São Pedro.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:43:30 by Admin
Updated 20 November 2026 20:43:30 by Admin